

RUA CUSTODIO MANUEL ALVES

Ato nº 159 de 17-02-1939, Artigo 1º, § 15º

Formada pela antiga rua da Roseira, também conhe

cida por rua Nova

Início na rua Expedicionário Paulo Tansini

Término na avenida Governador Pedro de Toledo

Bonfim

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Municipal de
Campinas Euclides Vieira.

CUSTODIO MANUEL ALVES

Custódio Manuel Alves nasceu em Campinas em 04-amrço-1835 e faleceu em Campinas em 29-janeiro-1904. Era filho de Custódio Manuel Alves e Ana Carolina de Barros e foi casado com Januária Pinto de Oliveira Alves de cujo enlace proveio numerosa prole. Custódio Manuel Alves teve seu nome ligado a quase todas as iniciativas da sociedade campineira de seu tempo. Em companhia de Bento Quirino dos Santos e Rafael Sampaio e outros foi fundador do antigo Clube Semanal, onde por várias vezes, como tocador de bombardino, integrou a famosa "Banda Musical de Amadores Filorfenicas", corporação musical composta pela fina flôr da sociedade campineira e que foi organizada pelo maestro José Pedro de Sant'Ana Gomes. Durante muitos anos fez parte da diretoria do Teatro São Carlos, como também da Companhia Ramal Férreo Campineiro. Participou também da diretoria da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e com Bento Quirino e o Barão de Ibitinga, por longos anos, dirigiu a Companhia de Iluminação à Gaz de Campinas. Deve-lhe Campinas o levantamento de sua primeira planta topográfica, trabalho esse que por muitos anos serviu de guia aos técnicos da nossa edilidade para seus trabalhos congêneres. Interessado por tudo que se referia a sua cidade, legou à posteridade importantes trabalhos para a elaboração de nossa historia, salientando-se o que se refere à gênese de nossas ruas e praças, edificios públicos e particulares, mais em evidência, com datas e notas muito aproveitáveis.

RUA CUSTODIO MANUEL ALVES



ATO N.º 159

Dá denominação a ruas da cidade

O Dr. Euclides Vieira, Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo; e

Considerando a conveniência de serem denominadas novas ruas da cidade, e tendo em vista as sugestões apresentadas à Prefeitura pela Sociedade Amigos da Cidade, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes e outras entidades, todas visando nomes e fatos relacionados com a vida da cidade e do Município, bem como os acontecimentos de ordem geral, nos quais Campinas, seus filhos ou seus habitantes tivessem cooperação, como consta da exposição apresentada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes desta cidade, e cumpridas as formalidades do Decreto n.º 8.868, de 27 de Dezembro de 1937,

RESOLVE:

Art. 1.º — Ficam denominadas pela forma seguinte as vias publicas abaixo descritas:

§ 1.º — D. PEDRO I, a que tem início na Avenida Brasil, na Vila Nova, entre as ruas G. Cesar e C. Pimentel, seguindo diagonalmente até encontrar a rua Maria Lins, (Bairro de Vila Nova).

§ 2.º — BARTOLOMEU BUENO DA SILVA, a que tem início na linha da Companhia Mogiana, no bairro do Taquaral, em continuação à rua Diogo Prado, terminando na rua Paula Bueno. (Taquaral).

§ 3.º — DR. JOSE' DE CAMPOS NOVAES, a que tem início na Avenida Orosimbo Maia (atual rua Jorge Miranda), na esquina da rua Paula Bueno, e termina na Av. Barão de Itapura, no prolongamento da rua Buarque de Macedo, (Jardim Elisa).

§ 4.º — DR. ANTONIO DE SOUZA CAMPOS, a que tem início na rua Diogo Prado, entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, segue paralela a esta e termina na rua Major Solon. (Antiga rua Ana Eufrosina).

§ 5.º — VISCONDE DE TAUNAY, a que começa na Avenida D. Libania, entre as ruas Barata Ribeiro e Prefeito Passos, terminando na Avenida Itapura. (Vila Itapura).

§ 6.º — ENGENHEIRO SATURNINO DE BRITO, com início na rua José Paulino, entre as ruas Jorge Miranda e Alvaro Müller, seguindo paralela a esta até encontrar a primeira citada. (Vila Itapura).

§ 7.º — ALFERES FRANCISCO NOGUEIRA, com início na rua Guilherme da Silva, entre Avs. Julio Mesquita e Anchieta, até a Travessa Irmãos Bierrenbach, depois de uma deflexão à direita. (Vila Julio Mesquita).

§ 8.º — DR. ALBERTO SALLES, com início na rua Barão Geraldo de Rezende, entre Hercules Florence e Barão de Itapura, terminando na rua José Paulino, no cruzamento com a Francisco Glycerio. (Travessa Cury).

§ 9.º — COMENDADOR PAULA CAMARGO, com início na rua José Paulino, entre Delfino Cintra e Barão Geraldo de Rezende, terminando na rua Prof. Luiz Rosa. (Arruamento Avelino de Souza).

§ 10.º — RUA DO ALGODÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo (3.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.

§ 11.º — RUA DO CAFE', com início na rua Governador Pedro de Toledo (2.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.

§ 12.º — RUA DO ASSUCAR, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.

§ 13.º — MAESTRO MANUEL JOSE' GOMES, com início do lado par da rua Governador Pedro de Toledo, entre as ruas Julio Ribeiro e General Bento Bicudo, terminando na rua Arnaldo de Carvalho. (Jardim Chapadão).

§ 14.º — DR. PAULO FLORENCE, com início na rua Joaquim Villac (1.ª Travessa ao lado direito) segue em direção ao Azilo de Invalidos, e termina no encontro da Chacara do Snr. Targino Nogueira de Souza e outros (Estrada do Azilo).

§ 15.º — CUSTODIO MANUEL ALVES, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa em diagonal ao lado impar)

segue em direção do Armazem Regulador, passando ao lado do Jockey Club e terminando em rua sem denominação do arruamento de A. I. Teixeira de Camargo. (Bomfim).

§ 16.º — PROFESSOR CHRISTIANO WOLKART, com início na rua Bueno de Miranda, entre as ruas Maximiano de Camargo e Antonio Bento, terminando na rua Antonio Alvaro. (Vila Industrial).

§ 17.º — CORONEL ANTONIO LEMOS, com início na rua Dr. Carlos de Campos, entre as ruas Elias de Souza e João Theodoro, terminando no Corrego do Matadouro. (Vila Iracema).

§ 18.º — RUA DO ROCIO, com início na rua General Osorio, entre Saldanha Marinho e 11 de Agosto, terminando na rua Dr. Bernardino de Campos. (Travessa Valente).

§ 19.º — ENGENHEIRO PEREIRA REBOUÇAS, com início na rua São Carlos, abaixo da rua 24 de Maio, segue paralelamente ao prolongamento desta até a rua do arruamento da Chacara Arvore Grande, pela qual segue até encontrar a rua João Theodoro, na qual termina. (Vila Industrial).

§ 20.º — JORGÊ HARRAT, com início na Avenida da Saudade (1.ª Travessa do lado par) segue paralelamente à rua Alvaro Ribeiro, e termina na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Travessa Godoy).

§ 21.º — AVENIDA WASHINGTON LUIZ, com início no encontro das ruas Alvaro Ribeiro e General Carneiro, prosseguindo pela Estrada de Rodagem de São Paulo.

§ 22.º — ROBERTO NORMANTON, com início na Avenida da Saudade (2.ª Travessa do lado par) segue paralelamente à rua Alvaro Ribeiro, terminando na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Vila Emy).

§ 23.º — REGINALDO SALLES, com início na Estrada de Rodagem de São Paulo, (4.ª Travessa do lado impar), segue em direção da rua Salles Leme. (Vila Emy).

§ 24.º — ENGENHEIRO ANTONIO F. PAULA SOUZA, com início na rua Dr. Betim (1.ª Travessa do lado impar) e termina na Chacara dos Irmãos Valente. (Vila Paraiso).

§ 25.º — ANTONIO ALVES ARANHA, com início na Av. Barão de Itapura, segue paralelamente à Av. Brasil, entre esta e a rua Christovam Colombo, terminando em uma praça circular, junta à linha da Companhia Mogiana. (Vila Itapura).

§ 26.º — DR. JOSE' INOCENCIO DE CAMARGO, com início na rua Barão de Ataliba, entre Dioguinho e Major Solon, seguindo paralelamente aquela até a rua Dr. Carlos Guimarães. (Antiga Inacio Bueno).

§ 27.º — ALFÉRES DOMÍNGOS, começa na rua 1, da Vila Julio Mesquita, segue paralela à rua Guilherme da Silva e depois de uma deflexão à esquerda, segue paralela à Av. Julio Mesquita, pelos fundos dos lotes e deslizando novamente à esquerda, paralela à Travessa Irmãos Bierrenbach, terminando na rua 1. (Vila Julio Mesquita).

§ 28.º — JOÃO FRANCISCO DE ANDRADE, com início na rua 14 de Dezembro entre as Avs. Anchieta e Julio Mesquita, segue paralela a esta, e termina na rua Guilherme da Silva.

§ 29.º — DA CONSTITUIÇÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo, em frente à rua Germania.

Art. 2.º — A pequena praça situada em frente à Praça 15 de Novembro, antigo Largo de Santa Cruz, do lado impar da rua Major Solon, fica denominada PRAÇA HERÓIS DA LAGUNA.

Art. 3.º — A atual RUA DO CAFE', no bairro do Botafogo, entre a Avenida Itapura e a rua Antonio Guimarães, passará a denominar-se RUA DR. OCTAVIO MENDES.

Art. 4.º — O trecho da rua Jorge Miranda, que acompanha o canal do Saneamento, tendo início na rua José Paulino, passa a denominar-se AVENIDA OROZIMBO MAIA.

Art. 5.º — Este ÁTO entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Paço Municipal de Campinas, aos 17 de Fevereiro de 1939.

Euclides Vieira
Prefeito Municipal

Publicado na DIRETORIA DO EXPEDIENTE da Prefeitura Municipal, em 17 de Fevereiro de 1939.

O Diretor,
F. Campos Abreu

DIÁRIO DO POVO

SEXTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 1954



RUAS DA CIDADE

CUSTÓDIO MANUEL ALVES — rua

Começa na Avenida Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa em diagonal ao lado ímpar) e termina na rua Expedicionário Paulo Tansini, no Bairro BONFIM.

A denominação foi dada pelo Ato n.º 159 de 17 de fevereiro de 1939. Chamou-se antes, rua da Roseira. Tem 8 metros de largura.

Dados Biográficos: Custódio Manuel Alves, digno e opêroso filho de Campinas, nasceu, em 4 de março de 1835, e aqui faleceu aos 20 de janeiro de 1904.

Espírito dinâmico e inteligência viva, ligou o seu nome a quasi todas as iniciativas locais de seu tempo.

Com Bento Quirino, Rafael Sampálo e outros foi fundador do antigo Clube Semanal. Durante muitos anos fez parte da Diretoria da Empresa Teatro São Carlos, bem como da extinta Companhia Ramal Férreo Campineiro.

Em companhia do Barão de Ataliba desempenhou cargos de relêvo na Diretoria da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Com Bento Quirino e Barão de Ibitinga, por longos anos, dirigiu a antiga Companhia de Iluminação a Gaz, hoje extinta.

Na esfera da atividade pública, deve-lhe Campinas o levantamento da sua primeira planta topográfica, trabalho que por muitos anos serviu de guia aos técnicos da nossa Edilidade para os seus trabalhos congêneres.

Amante da história local, deixou-nos, entre outros documentos, um de importante valor subsidiário referente à gênese de nossas ruas e praças, edifícios públicos e particulares. Na revista do Centro, deu publicidade a um trabalho desse gênero, intitulado "Notas sobre Campinas", contendo a cópia da ata da sessão extraordinária da nossa Câmara Municipal, de 6 de setembro de 1948, especialmente reunida para o fim de dar denominações oficiais às nossas ruas e praças de então, que as não tinham ou que possuíam mas em caráter popular.

A. M. G.



CUSTÓDIO MANUEL ALVES - Nasceu a 4 de março de 1835, aqui falecendo a 29 de janeiro de 1904. Espírito dinâmico e inteligência viva, ligou seu nome a quasi todas as iniciativas locais de seu tempo. Com Bento Quirino, Rafael Sampaio e outros, foi um dos fundadores do antigo Clube Semanal. Fez parte da Diretoria do antigo Teatro S. Carlos e da extinta Companhia Ramal Férreo Campineiro. Em companhia do Barão de Ataliba, desempenhou cargos de relêvo na Diretoria da Cia Mogiana. Com Bento Quirino e Barão de Ibitinga, dirigiu a antiga Companhia de Iluminação a Gaz. Na esfera pública, deve-lhe Campinas o levantamento da sua primeira planta topográfica, trabalho êsse que por muito anos serviu de guia aos técnicos de nossa Edilidade, para trabalhos congêneres.

Amanté da história local, deixou-nos um trabalho de importante valor subsidiário, referente à gênese de nossas ruas e praças, edifícios públicos e particulares. Na revista do Centro de Ciência, deu publicidade a um trabalho dêsse gênero intitulado "Notas Sobre Campinas" contendo a cópia textual da ata d a sessão extraordinária da nossa Câmara Municipal, em 6 de setembro de 1848, especialmente reunida para o fim de dar denominações oficiais às nossas ruas e praças, denominações que até então tinham caráter popular.



G 0910177

4 DE MARÇO

1835 — Nasce em Campinas, Custodio Manuel Alves, falecido a 29 de Janeiro de 1904. Segundo trabalho elaborado por Alaór Malta Guimarães, Custodio Manuel Alves, foi de espírito dinâmico e inteligência viva, ligando seu nome á maioria das iniciativas locais de seu tempo. Assim é que, pertenceu ás diretorias do Teatro São Carlos, Cia. do Ramal Férreo Campineiro (hoje extinta), Cia. Mogiana, Cia. de Iluminação á gaz, sendo também, um dos fundadores do antigo Clube Semanal. Deve-lhe Campinas, o levantamento de sua primeira planta topográfica. Amante da história local, legou-nos importante trabalho, referente á gênese de nossas ruas e praças, edificios públicos e particulares. Há anos, a revista do Centro de Ciências, publicou um seu trabalho desse genero, intitulado "Notas sôbre Campinas", contendo a cópia textual da ata da sessão extraordinária da Câmara Municipal local, de 6 de Setembro de 1848, especialmente reunida para o fim de dar nomes officiais ás nossas ruas e praças, que até então, possuíam denominações populares.

—x||||x—



TRAÇOS BIOGRÁFICOS

DE

CUSTÓDIO MANUEL ALVES

com dois documentos sôbre a topografia de Campinas.

(De autoria de RAFAEL DUARTE, extraído do nº 2, Ano III, pág 135, da Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, de 30 de abril de 1904).

Que é da selva primitiva, de "Mato Grosso" chamada, cujo arvoredor frondoso desatava-se ao grande azul celeste, aninhando, no remanso umbroso de seu seio, vozes misteriosas, indefinidas vozes de uma estranha orquestração?...

Que é do estreito atalho que a densa vestimenta lhe rompia e por onde seguiam caravanas de "Bandeirantes", em demanda de Minas e Goiás, fascinados pelo reluzir do ouro e pelo rebrilhar de rara pedraria?

Onde está essa risonha clareira em que pascia a tropa fatigada, bem no centro da frondosa selva e em que se fin cava a barraca protetora, ao cair da



Traços biog. de Custodio M.Alves

Fls. 2

noite, alumiada pelas chamas da fogueira, poetisada pela cantilena chorosa, ao doce gemer da viola?

Tombou a grande selva, abatida, a golpes de machado; quedaram-se em religioso silêncio, as vozes misteriosas; desapareceram a clareira risonha e a barraca protetora, os lumes do fogacho de envolta com a poesia do canto e da viola!...

1739.... 1904! Entre uma e outra época medeiam nada menos de cento e sessenta e cinco anos!

Que vem a ser cento e sessenta e cinco anos?... - uma longevidade para o existir de um homem... a duração de um fulmine para a vida de um povo!...

E nesse fulmine, operou-se uma radical mudança: - o que era mata transformou-se em val, batido de sol, salpicado de flores, banhado de cristalinas fontes.

Alí, onde foi a clareira, esteiou-se a capelinha rústica, recoberta de sapé e vozes levantaram-se, exalçando preces, entoando cânticos, numa alacridade invejável, numa serena paz de consciência, ao Deus de Jacob! E o val se transmudou em vila e a vila naquilo que hoje vemos, nesta opulenta Campinas, que a todos nos agita o espirito e o coração em eflúvios do mais doce afeto, em êxtases do mais fundo amor!

Eis o que eramos, o que fomos, e o que finalmente somos!

Oh! prole abençoada nesta nova "Terra de Canaam", preciosa prole, prole querida, filhos nativos e filhos de adoção, quer a tivésseis por bérço, que por séde a tenhais eleito!...

Oh! vós que partistes para a jornada eter



Traços biog. de Custodio M. Alves

Fls. 3

na, de que não mais se volta, oh! vós que ficastes a batalhar conosco esta incruenta batalha da vida!

Com ternura amorável de carinhosa mãe, que o é, "Ela" vos quer a todos e a todos vós acolhe sem distinção, como sem distinção acorrieis e acorreis ainda a festoar-lhe a capelinha florida, a depor-lhe em holocausto toda a pureza de vosso afeto, todo o mimo de vosso labor, toda a essência de vossa mente e todo o fruto de vosso engenho operoso e produtivo!

Oh! manes de Barreto Leme e de Correia de Melo, de Florence e de Carlos Gomes, de Quirino dos Santos e de Ricardo Daunt, de Bonifácio do Amaral e de tantos e tantos outros que levantastes, pedra sobre pedra, o edifício de nossa atual grandeza!... eu vos ben-digo, eu vos louvo, eu vos venero!...

Tanto mais nítida avulta à minha retina espiritual a vossa imagem, quanto mais se condensam os anos, como que a querer nublar-vos, oh! nunes abençoados, que nos acompanhais no amanhar da terra que nos legastes!...

A vossa lembrança, ainda mais, me povôa a nesta hora, em que se me comete a tarefa de tratar de um outro, como vós, filho querido deste estremecido torrão campinense!

Na ara santa do bérço natal, também ele, como vós, sacrificou, oferecendo-lhe o coração - esse relicário de afetos - e todo um monumento de boas obras, como prolífico exemplo à geração que há de vir!...



A funérea pompa que acompanhou, a sua morada última, os despojos mortais de Custódio Manuel Alves, é uma prova irredutível de que perdura inda em Campinas o culto vívido e brilhante que sempre ela prestou a todo o filho que se tornou digno da veneração pública.

A esse preito de estima e religião concorreram, promiscuamente, todas as classes desta sociedade, porque - fato singular, fatos virgens nos anais de um povo - Custódio Manuel Alves, na terra em que nasceu, viveu e reposou para sempre, não teve sequer um desafeto e nem deixou um ressentimento sequer!...

Como distinção - sem precedentes - que a profano algum se concedeu aqui, ao ser descido o féretro à sepultura, que lhe foi aberta, conservaram-lhe, entre as mãos algidas, o Crucifixo a que se apegara na agonia final.

E, ao ser-lhe lançada a terra, que lhe há de ser leve no seu infindável sono, dentre a multidão, que da e contemplativa, uma voz se levantou piedosa, para deitar à memória desse grande justo a benção sublime da paz e do amor!...

Mais de um olhar se arrasou de pranto e embargou-se a voz a um conterrâneo ilustre que, em nome de nossa terra ia murmurar-lhe o final adeus!...

Era Júlio Macchi - um homem do povo - que abençoava o morto... Cesar Bierremback - o suroriente artista da palavra - era quem ia, na sua linguagem mágica e empolgante, oferecer-lhe o viático do nosso derradeiro ósculo!..

Ceifou-se mais uma vida!... é mais uma tumba que se fecha, é mais um vulto que se levanta a contra-



Traços biog. de Custodio M.Alves

Fls. 5

por-se aos maus fados porvindouros!..

Em necrológico sentido, toda a imprensa local se referiu, unísona, à memória desse conterrâneo querido, enaltecendo-lh'a, como a de um justo que era.

Eis o verdadeiro "monumentum aere perennius", de que nos fala o poeta: o monumento da virtude... a sementeira benéfica que há de expandir-se em flores, frutificar em dourada mêsse, proporcionando o pão do espírito a quantos por aqui ficam a desbravar a vida!...

Escrever algumas frases sôbre o nosso saudoso morto, tal a missão que me impõe o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, pela autorizada voz de seu digno e ilustre Presidente.

Longa é a história desse nobre vulto para circunscrever-se às limitadas páginas de que disponho; não posso elaborar-lhe, pois, a biografia toda; apenas bosquejarei a traços rápidos, os contronos de sua figura, como homenagem do "Centro" a sua memória querida.

2

2

2

Aos 4 dias do mês de março de 1835, em Campinas, nasceu Custódio Manuel Alves.

Foram seus pais, Custódio Manuel Alves e D. Ana Carolina de Barros, ambos de saudosa memória. Era o 6º filho deste casal, de que provieram quatorze, ao todo: Luís Silvério Alves Cruz, formado em Direito, pela Academia de



Traços biog. de Custodio M. Alves

Fls. 6

S. Paulo, um dos chefes do partido conservador no antigo Regime, presidente eleito da província de Goiás e finalmente advogado em nosso fôro, onde também iniciou a sua carreira profissional; Francisco Alves Cruz; José Alves Cruz; Joaquim T. Alves Cruz; a "irmã" Ana Alves Cruz, freira professora do Convento de S. Teresa, na capital de S. Paulo; João Alves Cruz; Galdino Alves Cruz; Inocêncio Alves Cruz; D. Maria U. Alves Couto, saudosa espôsa do major Antonio F. de Andrade Couto, fundadora com o preclaro bispo D. Néri, do Liceu de Artes e Ofícios, virtuosa senhora, cujo coração era inesgotável fonte de caridade; D. Amélia Alves Cruz; Antonio A. de Barros Cruz; D. Gertrudes Alves Cruz e Manuel A. de Barros Cruz.

Desta copiosa prole, sobrevivem apenas os quatro últimos.

Custódio M. Alves era casado com D. Januária Pinto de Oliveira Alves, filha do finado português Vitorino Pinto Nunes, de saudosa memória, grande benfeitor da Santa Casa de Misericórdia e da Beneficência Portuguesa, de que era sócio prestantíssimo.

De seu enlace provieram diversos filhos, dos quais existem aoenas quatro: D. Maria Alves P. Duarte, casada com o signatário destas linhas; Silvio Alves Pinto, casado com D. Alcina Duarte de Arruda Pinto; D. Ercília Alves Pinto e D. Ana Alves Pinto, ambas solteiras e todas maiores.

Apenas houve três netos: Gracila, Hermozira e Célia, filhas de D. Maria. Eram o tríplice foco de luz, que lhe nimbava a fronte encanecida, dando-lhe, ao mesmo tempo, o calor propício e benfazejo que lhe aquecia o inverno éspero dos seus setenta anos.



Traços biog. de Custódio M. Alves

Fls. 7

E, na verdade, orçava pelos setenta, quando o fulminou, repentinamente uma lesão cardíaca, às 5 1/2 horas da tarde de 29 de janeiro do corrente ano.

Quem foi o nosso grande morto, dá-lo Campinas toda, onde viveu sua existência inteira. Como esposo e como pai, como cidadão e como amigo, era o preciosíssimo escrínio das mais finas gemas: do caráter, do espírito e do coração.

Puro, entre aqueles que mais o eram, pertencia à falange gloriosa de nossos avós, cujo caráter se impunha e cuja palavra era incisiva e dogmática!

Se foi grande na intimidade do lar, não o foi menos na convivência do mundo.

Com verdadeiro entusiasmo, idolatrava a terra que lhe foi bêrço: "aqui nasci, aqui vivi e aqui quero morrer", dizia-nos muitas vezes, ao discretar conosco, sobre assuntos do nosso torrão natal.

Espirito temente a Deus, verdadeiramente religioso, era dotado de uma fé tão viva, que causava piedosa edificação a quem quer que o ouvia!

E esse espírito pulquérrimo, tinha ainda uma feição mais bela, possuía, na maior intensidade, todo o frescor e viço da juventude: complascente, alacre, de uma adorável transigência, eminentemente conformado com todos os revezes que a sorte lhe mandava, nunca se lhe ouviu uma indignação ou ^{um} queixume; era de uma conformidade verdadeiramente cristã!

Como cidadão, tinha o seu nome ligado a quase todas as sociedades locais. Com Bento Quirino, Rafael Sampaio e outros, foi o fundador do nosso "Clube Semanal"; foi por muito tempo, como membro do conselho fis-



Traços biog. de Custodio M. Alves

Fls. 8

cal, diretor do Teatro S. Carlos; o foi também nesse caráter, da Compa. Ramal Férreo Campineiro; com o Barão de Ataliba e outros, desempenhou ainda um cargo na diretoria C.^a Mogiana de Estradas de Ferro; com Bento Quirino e Barão de Ibitinga, dirigiu, por longos anos, a Cia. Campineira de Iluminação à Gás, posto que ocupou até os últimos dias de sua vida. Era membro preeminente da Irmandade do S. S. Sacramento, da Conceição, de que foi, por muitos anos, incansável provedor.

Merecia-lhe a maior atenção tudo quanto se referia à vida campinense. Repertório vivo de fatos e tradições locais, não o traia nunca a memória fiel - as sinalando datas e minudências, com clareza e precisão urpreendentes!..

Deve-lhe o Municipio a primeira planta topográfica que possuiu, infelizmente de há muito, desaparecida do arquivo público. Foi essa planta, por muitos anos, o guia, de que se serviu a nossa Edilidade para os seus trabalhos congêneres. Dentre os documentos que nos legou, para a elaboração da nossa história local, salienta-se um de importante valor subsidiário: o que se refere à gênese de nossas ruas e praças, edificios públicos e particulares, mais em evidência, com datas e notas muito aproveitáveis.

Correspondendo ao pedido do ilustrado Dr. José de Campos Novais, nosso operoso presidente, ofereci esse documento ao arquivo social, estampando, entretanto, aqui, em anexo, os trechos mais interessantes desse memorial.

Como trabalho similar e até explicativo às "Notas sôbre Campinas, por Custódio Manuel Alves" vem ane-



Traços biog. de Custódio M. Alves

Fls. 9

xada às mesmas uma cópia textual da ata de 6 de setembro de 1848, da nossa Câmara Municipal, em sessão extraordinária, reunida àquela data, para o fim de dar nomenclatura às nossas ruas e praças, que a não tinham ou eram conhecidas pelo povo, caprichosamente, a seu bel talento. Graças à gentileza e reconhecida boa vontade de nosso consócio Oro

... , seu valioso documento, digno da publicação que lhe dou.

2

2 2

Urge que eu encerre agora este modesto trabalho, vasado em moldes singelos, despido das louçanias do estilo, sem outras pretensões além da sinceridade e sentimento que lhe presidiram a elaboração. Bem sei que, neste revolver de cinzas e evocar saudades, dispersou-se meu espirito, fora da órbita que lhe foi traçada.

É que o nome de Custódio Manuel Alves implica o de muitos outros, cujas virtudes são o diadema do torrão natal. Virtudes cívicas ou morais - como quer que as denominemos - são elas o único monumento estável, nesta região de dores!... Tudo o mais esvai, precipite, nas flutuações da vida!...

Gravaram-se-me no espirito aquelas profundas palavras do Príncipe de Bismarck, em "Varsin", ao contemplar, no seu salão, a estatua de Rauch - A Vitória a



Traços biog. de Custodio M.Alves

Fls. 10

distribuir lauréis".

Concentrando seu espirito, sentiu o grande "Chanceler de Ferro" um frêmito de horror invadir-lhe o coração: é que se lembrava da incomensurável obra que realizara e via que o não amavam pelos seus feitos, que a ninguém trouxeram felicidade: - nem a si, nem a sua família, nem a quem quer que fosse!...

- Perdão, lembrou-lhe alguém, fez a felicidade de uma grande nação!...

- "Sim; mas, a desgraça de quantos!...sem mim, três grandes guerras evitar-se-iam, evitando também a perda de pitenta mil homens!... pais, mães, irmãos, irmãs, viúvas não se teriam submergido em luto...". "Nunca Bismarck se mostrou tão grande, como nesta ocasião!..." acrescenta Anatole France, de quem colijo este trecho histórico.

É, meus prezados colegas de Instituto, é, benevolos leitores, que me honstastes com a vossa atenção, é que estas palavras traduzem um arrependimento e o arrependimento, de per si, constitui uma virtude!...

Virtude e trabalho: eios o nosso lema!... por isso que o trabalho é virtude na ordem física, como a virtude é trabalho na ordem moral.

"Virtute et labore civitas floret!..." é, de resto, a legenda adamantina di brazão d'armas do nosso decantado bêrço!...

Campinas, Maio de 1904

Rafael Duarte



A S B A N D A S D E C Á

XIII

Campinas, desde a metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Músico", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tonico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Músico", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorfenicas". "Juca Músico", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorfênica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Músico". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorfenica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rãbula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico" e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca



Músico", para desgosto deste, era também conhecida como a "Banda de Baixo", em vista da séria concorrência que lhe fazia a então "Banda Romana", dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a "Banda de Cima". Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas "Banda da Santa Cruz" e a "Euterpe Infantil", que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a "Banda Mato Dentro", dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de "Juca Músico" e a "Banda Fazenda S. Maria", compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Vilela. Com a morte de "Maneco Músico" ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1868, Sant'Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a "Banda Carlos Gomes", em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada "União Operária", sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de indole artística resolvem os italianos arremeter os "paisanos" interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a "Banda Italo-Brasileira" que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Michel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos, Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Túlio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lira de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Côr", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Côr", "Banda Progresso", fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizár grandiosa rétreta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rossini, Raul da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateo, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus

GERALDO SESSO JUNIOR

169



longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Veneri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavalheiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Epitácio Pessoa, então presidente da República e do Rei da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Álvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Côr", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeu, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e a continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)

anpv/06/1980